Resenha

Paulo Ghiraldelli e a impossibilidade de compreensão sistemática do bolsonarismo

Paulo Ghiraldelli and the impossibility of systematic understanding of bolsonarism

MARCOS ABRAÃO RIBEIRO[1]

No final do governo Michel Temer (MDB), houve as eleições de 2018, que representaram uma importante inflexão na vida política nacional. MDB, PSDB e PT, que haviam tido, juntos, o protagonismo no sistema político brasileiro nos últimos 30 anos, perderam as eleições para o então deputado federal Jair Messias Bolsonaro, pertencente ao *baixo clero*[2] do Parlamento e reconhecidamente de extrema direita. O então candidato do Partido Social Liberal (PSL) venceu as eleições com um discurso antissistema, baseado na

---

[1] Gostaria de agradecer a Marcos Giusti a leitura atenta e as contribuições.

[2] "*Baixo clero* é a expressão criada no tempo do deputado Ulysses Guimarães, um dos líderes do processo de redemocratização do país, para definir o poder dos deputados de pouca expressão movidos principalmente por interesses paroquiais ou pessoais." (COSTA, 2009).

luta contra a corrupção, a esquerda e pautado por uma agenda ultraliberal capitaneada pelo economista Paulo Guedes.

Sua campanha foi marcada pelo uso massivo da internet, sobretudo das lives no Facebook e do envio de mensagens pelo aplicativo WhatsApp, o que representou uma nova forma de fazer campanha eleitoral entre nós. A partir da eleição de Bolsonaro, surgiu a necessidade de compreender o fenômeno do *bolsonarismo*, com seus significados e desdobramentos, pois alguns questionamentos precisam ser respondidos. Que fatores explicam a eleição da extrema direita pela primeira vez no Brasil? Quais são as bases de sustentação do bolsonarismo? Quais são seus projetos? Qual o papel do filósofo Olavo de Carvalho nessa construção política?

Se existem muitos questionamentos, ainda faltam explicações aprofundadas sobre o bolsonarismo. Em artigos na internet, intelectuais esboçam respostas para algumas dessas questões, mas ainda faltam interpretações acadêmicas de fôlego sobre o fenômeno que mudou profundamente o andamento do sistema político brasileiro. É esse o desafio do filósofo Paulo Ghiraldelli, em seu livro *A filosofia explica Bolsonaro*, que será objeto dessa resenha. O filósofo tem exercido o papel de intelectual público no combate ao bolsonarismo, através do seu canal no YouTube, que possui mais de 300 mil inscritos. As explicações presentes no canal vão ocupar as páginas do livro na tentativa de construir uma leitura voltada, fundamentalmente, para o grande público.

O livro é dividido em uma introdução, 26 pequenos capítulos, uma conclusão e um excurso[3], ou seja, um distanciamento momentâneo de seu tema central. Devido ao tamanho reduzido dos capítulos e à presença de argumentos semelhantes nas interpretações presentes neles, vou apresentar a leitura de Ghiraldelli a partir de três eixos, quais sejam: (1) a família Bolsonaro; (2) os personagens principais do bolsonarismo; (3) a ideologia e seus representantes. Ao final do texto, apresento uma apreciação crítica sobre o trabalho do filósofo Paulo Ghiraldelli, pois defendo que o livro não apresenta, efetivamente, uma análise sistemática, consistente e crítica sobre a ascensão de Bolsonaro à Presidência do Brasil.

Na introdução, Ghiraldelli apresenta uma exposição que se pretende crítica sobre o capitalismo, uma vez que procura apontar o capital como o elemento central da explicação dos dilemas contemporâneos. O autor se coloca como um pensador de esquerda que objetiva

[3] O autor utiliza o excurso do texto para defender o papel do conhecimento. Para tanto, vale-se dos trabalhos de Guy Debord e Thomas Macho. Esses autores auxiliariam a demonstrar que vivemos em uma era de espetáculos e que Bolsonaro representa uma imagem simplória. Mesmo baseando-se em outros autores, o excurso segue o caráter fragmentário e superficial presente nos capítulos que compõem o livro.

construir uma interpretação crítica sobre o bolsonarismo. Na introdução, portanto, o autor apresenta as bases sobre as quais a sua interpretação estará assentada, mas que não estarão, como veremos, nos três eixos que estruturam o livro resenhado.

No eixo 1, Ghiraldelli procura definir um perfil do presidente Jair Bolsonaro e de seus filhos. Bolsonaro seria um político ideológico que baseia suas ações através da linguagem pejorativa, o anticomunismo e a luta pela destruição da Constituição promulgada em 1988. Os filhos de Bolsonaro, assim como o pai, são defensores de um anticomunismo rasteiro e ignorante (GHIRALDELLI, 2019). Ghiraldelli tenta caracterizar os três filhos do presidente através de juízos morais, além de argumentar que vivem em uma realidade paralela. Sobre Eduardo Bolsonaro, o filósofo cita o tamanho do órgão genital e a perda de sua namorada para um médico cubano. Flávio representa a entrada da milícia no governo Bolsonaro. Sobre Carlos Bolsonaro, ele afirma que possui um relacionamento afetuoso com seu primo Léo Índio e argumenta sobre a questão da autoaceitação.

No eixo 2, o autor efetua o mesmo exercício de definição realizado no eixo anterior, mas agora focado nos personagens que considera centrais para o bolsonarismo. Sem apresentar uma exposição cuidadosa, Ghiraldelli afirma que Sérgio Moro representa o lado mais conservador da classe média paranaense e que suas ações como chefe da Operação Lava-Jato reproduziriam sua origem de classe. Dessa forma, o autor defende a existência de uma contiguidade entre Bolsonaro e Moro, que repete o punitivismo bolsonarista (GHIRALDELLI, 2019, p. 44).

O autor apresenta o ideólogo de extrema direita Olavo de Carvalho como um *iletrado*, *terraplanista*, *fracassado*, apenas interessado em dinheiro e propagador de uma verdadeira teoria da conspiração. Ou seja, o filósofo propõe diversos juízos morais para caracterizar o principal formulador das ideias que norteiam o bolsonarismo. Seguindo sua caracterização dos personagens, Ghiraldelli apresenta um argumento psicanalítico para caracterizar a deputada federal Joice Hasselmann[4], pois ele atribui à problemática e conflituosa filiação paterna a adesão da jornalista e atual deputada federal à direita. Ao mesmo tempo, o autor prossegue a caracterização depreciativa que realizara sobre Olavo de Carvalho, uma vez que Joice possuiria um caráter intelectualmente limitado (GHIRALDELLI, 2019, p.49).

Sobre Paulo Guedes, responsável por levar a cabo um programa ultraliberal que tem como objetivo institucionalizar o Estado mínimo, o autor apresenta uma rápida

---

[4] Joice Cristina Hasselmann foi eleita deputada federal pelo PSL de São Paulo, partido do então candidato a presidente Jair Bolsonaro, nas eleições de 2018.

caracterização do economista como adepto do neoliberalismo *hard*, baseado na rapina do patrimônio público, que completaria Bolsonaro e a dilapidação ética e ideológica exercida por ele. Além de apresentar o privatista radical Paulo Guedes, Ghiraldelli procura demonstrar a *verdade* sobre a dívida pública, que seria ilegítima, pois baseada em uma política monetária irresponsável e criminosa, além de favorecer os bancos.

No eixo 3, Ghiraldelli apresenta uma caracterização da ideologia e de seus representantes, com sua força e papel na vida política brasileira. Essa caracterização segue aquela presente nos eixos supracitados, uma vez que é pejorativa. Sobre a direita, o filósofo afirma que ela é *hormonal*. Se a caracterização segue os juízos morais presentes nos capítulos anteriores, também prossegue com a ausência de uma caracterização teórica, histórica e conjuntural da direita no Brasil contemporâneo. O autor aborda a questão da *ideologia de gênero* que foi usada pela direita bolsonarista contra os estudiosos de gênero. Ao mesmo tempo, afirma que essa direita tem um comportamento *macartista*[5] em sua luta contra a esquerda e o que considera comunismo.

Depois de apresentar os objetivos da direita bolsonarista em relação aos estudiosos de gênero, Ghiraldelli procura demonstrar o que são os estudos de gênero e sua importância, para explicar que a direita bolsonarista age baseada em doutrinação e lavagem cerebral. Ao analisar o Movimento Brasil Livre (MBL) e seu liberalismo, o autor defende a ausência de clareza dos textos do Instituto Mises, que é a base *teórica* do movimento. A partir da crítica, o autor argumenta que os membros do MBL são arrogantes e se baseiam em um liberalismo torto, além de reproduzirem preconceito, como demonstrado pelas atitudes de Fernando Holliday[6]. O autor volta à escravidão para mostrar a origem do racismo e para sustentar que o liberalismo defendido pelo grupo é escravista.

A religião cristã bolsonarista, segundo o autor, tem como encaminhamento o Deus do Velho Testamento, pois seus adeptos seguem o presidente no amor ao que é familiar, baseando-se no temor e no dinheiro e não compreendendo a laicidade do Estado. O autor também aponta a força dos 42 milhões de evangélicos no Brasil, que, segundo ele, podem

---

[5] O termo macarthismo tem origem na perseguição aos comunistas e pessoas de algum modo identificadas com um ideário de esquerda estabelecida no período da Guerra Fria a partir de proposições do senador estadunidense Joseph Raymond McCarthy.

[6] "Fernando Silva Bispo, ou Fernando Holiday (São Paulo, 1996), é uma das caras mais conhecidas do Movimento Brasil Livre (MBL), grupo de direita que ajudou a impulsionar as manifestações pelo impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Ainda no meio daquele processo, em 2016, se filiou ao Democratas (DEM) e se elegeu aos 20 anos o vereador mais jovem de São Paulo." (BETIM, 2009)

eleger um presidente. O movimento evangélico, por sua vez, é baseado no neoliberalismo e na financeirização, além de uma relação mágica entre o indivíduo e Deus.

O autor argumenta que o movimento *escola sem partido* representa a *luta* contra a *doutrinação marxista* do PT e a perseguição aos professores. Ao mesmo tempo, representa a luta pela privatização da educação, em favor da difusão de um ensino simplório, marginal e distante dos livros clássicos (GHIRALDELLI, 2019, p.86), pois o governo Bolsonaro deseja universidade privada e online. O autor argumenta que o governo federal representa a incultura, demonstrada em ações como o ataque a museus. O autor afirma que a direita utiliza o tema do aborto como forma de punir melhor a mulher. Ao mesmo tempo, demonstra a concepção de infância presente na direita, que é pautada pelo trabalho infantil e a educação disciplinar. Argumenta também que passamos da sociedade disciplinar montada pelo fordismo para a sociedade do controle e atomizada, estruturada pela terceirização e pela ideia de que todos são empresários.

Sobre os militares, Ghiraldelli afirma que o seu nacionalismo acabou, o que justifica o apoio deles ao projeto privatizante de Guedes. O autor também afirma que a Rede Globo não possui o papel de quarto poder, pois ela não comandaria a política como tradicionalmente é pensado. Sobre a questão do meio ambiente, o autor afirma que Bolsonaro vive em uma hiper-realidade, pois todos os dados de desmatamento e de agressão ao meio ambiente são considerados mentiras, mesmo sem a apresentação de nenhum dado concreto pelo presidente.

O autor argumenta que as diretrizes econômicas do governo são entrelaçadas pela falta de comportamento e pudor, pois pautadas pela flexibilização, liberalização e informalização. Ghiraldelli defende que a direita bolsonarista tem um comportamento selvagem com o meio ambiente, representado, por exemplo, pelos agrotóxicos liberados pela ministra da Agricultura Tereza Cristina. O autor argumenta que a direita bolsonarista age contra o feminismo com intimidação sexual e agressão física e moral, além de criticar as saídas da direita para a violência contra a mulher, como o ensino de artes marciais nas escolas — que chama de soluções inócuas. Ao mesmo tempo, ele propõe saídas como educação sobre os direitos das mulheres, fortalecimento intelectual do feminismo, segurança pública e aplicação da lei nos casos de feminicídio.

Apesar de apresentar um título ambicioso e defender que construiu uma interpretação abrangente do bolsonarismo, o livro do filósofo Paulo Ghiraldelli não traz uma interpretação sistemática como afirma ter feito. Do ponto de vista acadêmico, o livro é

marcado pelas ausências. Explico melhor. Falta ao livro de Ghiraldelli rigor metodológico, análise histórica, teoria e consistência argumentativa. O que existe, de fato, é a junção de argumentos morais e depreciativos sobre personagens centrais do bolsonarismo, como Olavo de Carvalho, que impedem que consigamos entender, por exemplo, como as ideias do ideólogo de extrema direita foram centrais para as ações do governo Bolsonaro, sobretudo se pensarmos pastas tão importantes como Educação e Cultura. Os juízos depreciativos de Ghiraldelli não possibilitam compreender a importância de um autor que se tornou *best seller* e que possui um grande público em seus cursos online de filosofia. Ghiraldelli, portanto, não apresenta nenhum elemento teórico ou empírico que nos possibilite compreender a *guerra cultural* exercida pela comunidade moral bolsonarista (ALONSO, 2019).

A interpretação pejorativa sobre os filhos do presidente, Joice Hasselmann e Sérgio Moro também não auxilia a compreender a importância desses personagens para o bolsonarismo. Faltou também uma análise do papel das igrejas evangélicas, das mídias sociais e de grupos como Movimento Brasil Livre (MBL) para a eleição de Jair Bolsonaro. Caso essa análise existisse, seria possível demarcar como os argumentos em torno do antipartidarismo, do antissistema e a rejeição da política tradicional foram elementos centrais dos movimentos de rua que pediram o impeachment de Dilma Rousseff e que, posteriormente, apoiaram a eleição de Bolsonaro (SOLANO, 2019, p.310). Precisamente, seria possível demonstrar a bolsonarização da sociedade (SOLANO, 2019, p.319). Inexiste também uma caracterização consistente do economista Paulo Guedes, através da demarcação dos interesses econômicos que orientam suas ações ou, mais precisamente, quais são os grupos que apoiam a política econômica do governo.

A caracterização da direita bolsonarista como *hormonal* também não auxilia ao entendimento rigoroso, pois representa apenas um juízo moral depreciativo. Ao contrário de intérpretes da política contemporânea brasileira, como André Singer (2018), por exemplo, o livro de Ghiraldelli não nos auxilia a interpretar de forma consistente a conjuntura atual, tampouco as questões que eu levantei no início desta resenha. O trabalho de Ghiraldelli simplifica o bolsonarismo, pois deixa de analisá-lo como fenômeno complexo e abrangente que não pode ser reduzido à intencionalidade e à caracterização moralizante de alguns personagens. A postura de Ghiraldelli colabora para reforçar o anti-intelectualismo que é pilar central da *guerra cultura*l da extrema direita. O autor não demonstra como a filosofia pode explicar o bolsonarismo, pois juízos morais não representam qualquer tipo de análise filosófica. Acredito, portanto, que o livro resenhado não traz nenhuma contribuição para o

debate acadêmico, tampouco para a luta política em defesa da democracia, da Constituição e da pluralidade.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. (2019). A comunidade moral bolsonarista. In: Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil de hoje. São Paulo: Companhia das Letras. p.52-70.

BETIM, F. (2019). **Holiday: "O MBL ajudou a simplificar o debate político de uma forma perigosa. Agora faz uma autocrítica"**. Vereador Fernando Holiday, membro do MBL, garante que mudará projeto sobre aborto alvo de críticas, faz autocríticas sobre sua atuação política e conta fala seus planos futuros. El País, 02 jul. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/27/politica/1561649621_458153.html. Acesso em: 30 dez. 2019.

COSTA, Luciano Martins. (2009). O poder do "baixo clero". Imprensa em questão, 9 fev. 2009. Observatório da Imprensa. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/o-poder-do-baixo-clero/ . Acesso em: 30 dez. 2009.

GHIRALDELLI, Paulo (2019). *A filosofia explica Bolsonaro*. São Paulo: LeYa.

SINGER, André (2018). *O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016).* São Paulo: Companhia das Letras.

SOLANO, Esther. (2019). A bolsonarização do Brasil. In: Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil de hoje. São Paulo: Companhia das Letras. p.307-321.

Marcos Abraão Ribeiro

Doutor em Sociologia Política, professor e pesquisador do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense